

MEMÓRIAS PELUDAS¹: MASCOTES UNIVERSITÁRIOS E A LUTA PARA ENCONTRAR LEGADOS APROPRIADOS DA GUERRA CIVIL AMERICANA²

Megan L. Bever³

Resumo: Este artigo compara o controverso mascote da Universidade do Mississippi, Coronel Reb, com o Jayhawk da Universidade de Kansas e com o Tigre da Universidade do Missouri, todos com origens na Guerra Civil Americana. Usando livros do ano, jornais de faculdades, e outras publicações universitárias, este trabalho analisa os contextos nos quais os mascotes foram adotados, assim como as imagens relativas a seu uso. O objetivo é determinar por que o Coronel Reb se tornou tão controverso, enquanto o Jayhawk e o Tigre permanecem símbolos universitários aceitáveis, apesar do fato de que ambos foram criados a partir da violência de guerrilha que ocorreu em Kansas e Missouri durante a Guerra Civil Americana. A comparação dos três mascotes ilustra que, embora a supremacia branca tenha sido considerada pela maioria dos americanos parte de um passado inaceitável, a violência associada ao conflito de guerrilhas tornou-se uma forma de entretenimento aceitável para os torcedores do esporte universitário.

Palavras-chave: futebol americano universitário; Universidade do Missouri; Universidade de Kansas; Universidade do Mississippi; mascotes; Guerra Civil Americana.

Fuzzy Memories: College Mascots and the Struggle to Find Appropriate Legacies of the Civil War⁴

Abstract: This article compares the controversial mascot of the University of Mississippi, Colonel Reb, with the University of Kansas Jayhawk and the University of Missouri Tiger, all three of which owe their origins to the Civil War. Using yearbooks, school newspapers, and other university publications, this piece examines the contexts in which the mascots were adopted, as well as the imagery surrounding their usage. The goal is to determine why Colonel Reb has become so controversial while the Jayhawk and the Tiger remain acceptable university symbols, despite the fact that both mascots were created from the guerrilla violence that occurred in Kansas and Missouri during the Civil War. Comparing the three mascots illustrates that while white supremacy has been deemed by most Americans to be part of an unacceptable past, the violence associated with guerrilla conflict has become a suitable form of entertainment for college sports fans.

Keywords: college football; University of Missouri; University of Kansas; University of Mississippi; mascots; Civil War.

¹ A palavra tem duplo sentido no título: *fuzzy* quer dizer tanto peludo/felpudo quanto vago/impreciso (Nota do Editor).

² Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, vol. 38, n. 3, outono de 2011, p. 447-463. Traduzido com autorização da autora e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte (Nota do Editor).

³ Department of Social Sciences, Missouri Southern State University, Joplin, Estados Unidos, contato: bever-m@mssu.edu.

⁴ A autora gostaria de agradecer os bibliotecários da Kenneth Spencer Research Library, na Universidade de Kansas, e aos arquivos universitários e coleções especiais das Universidades do Missouri e Mississippi por sugerirem inúmeras fontes. Da mesma forma, Kari Frederickson, George C. Rable e Caroline E. Janney leram múltiplas versões preliminares e forneceram muitos comentários valiosos.

A cada ano, durante o fim de semana de Ação de Graças, torcedores dos Jayhawks da Universidade de Kansas (KU, na sigla em inglês) e dos Tigres da Universidade do Missouri (Mizzou) se reúnem enquanto seus respectivos times se enfrentam no campo de futebol americano, numa rivalidade que tornou-se conhecida como a Guerra da Fronteira ou, mais recentemente, o Duelo da Fronteira. A princípio, a cena pode se parecer com qualquer outro jogo de futebol americano universitário, com torcedores fazendo brincadeiras de lado a lado. Mas um passeio pelas festas de caçamba⁵ ilumina as questões mais profundas que se encerram por trás desta rivalidade esportiva, como um documentário recente ilustra. Cartazes feitos à mão com frases como “Fogo em Lawrence” e “Eles caçavam escravos” aparecem no estacionamento, e torcedores com camisetas exibindo slogans semelhantes explicam o motivo. Como conta um torcedor do Missouri, “os jayhawks vieram aqui [e] começaram a queimar cidades por toda a fronteira do Missouri, e então (...) a Universidade de Kansas decidiu que era o nome perfeito (...) para a universidade deles”. Do outro lado da rivalidade, um torcedor de Kansas argumentou que Lawrence (Kansas), a casa da Universidade de Kansas, estava “definitivamente do lado certo, porque nós éramos os antiescravistas”.⁶

Para um observador do século XXI, não familiarizado com a região ou sua história, esses comentários podem parecer desconcertantes e estranhamente fora de lugar num evento de esporte universitário, mas ambos os lados da torcida estão relembrando memórias de um conflito violento que ocorreu na fronteira Missouri-Kansas antes e durante a Guerra Civil Americana. Os confrontos sangrentos envolveram abolicionistas do Kansas e lutadores pró-escravidão do Missouri, que atacaram comunidades e mataram-se uns aos outros ao longo dos anos 1850 e 1860. Agora este “Duelo da Fronteira” é jogado numa acalorada rivalidade esportiva entre duas universidades, e torcedores fanáticos fazem referências aos guerrilheiros John Brown e William Clarke Quantrill enquanto clamam por vingança. E, quando os torcedores se reúnem a cada fim de semana de Ação de Graças para ver futebol americano e trocar provocações, seus mascotes, Grande Jay e o Tigre Truman, pulam na beira do campo, torcendo pela vitória de suas equipes.⁷

Enquanto KU e Mizzou lutam no campo de jogo a cada Dia de Ação de graças, outra rivalidade está em jogo quando os Mississippi State Bulldogs e os Rebeldes [Rebels] da Universidade do Mississippi se

⁵ Referência às festas realizadas pelos estudantes em estacionamentos dos estádios de futebol americano, antes e depois das partidas, com equipamento de som colocado sobre a parte traseira de caminhonetes (NE).

⁶ *Border War: Kansas vs. Missouri*. Dir. e prod. Erik Ashel, Metro Sports/Time Warner Cable, 2008, 119 minutos.

⁷ “Border War” No More; KU-MU Series Retitled. *Lawrence Journal-World*, 5 out. 2004. Disponível em: <http://www2.ljworld.com/news/2004/oct/05/border_war_no/>. Acesso em 1 nov. 2011.

engajam em sua contenda anual, o Egg Bowl. Desde 2003, contudo, falta algo. Coronel Reb,⁸ o mascote da Universidade do Mississippi, tornou-se alvo de ataques, e a administração da universidade baniu-o da beira do campo. Os estudantes do Mississippi, alguns dos quais ainda lamentam a perda de seu mascote, só foram escolher um substituto em 2010.⁹

A maioria dos torcedores de futebol universitário dificilmente traçaria conexões entre Grande Jay, Tigre Truman e Coronel Reb, mas os três mascotes estão ligados à Guerra Civil Americana. O termo “Jayhawker” identificava guerrilheiros ao longo da fronteira Kansas-Missouri antes e durante a Guerra Civil. Os “Tigres do Missouri” eram os guardas federais que protegiam Columbia (Missouri) de ataques da guerrilha. E Coronel Reb é ao mesmo tempo um soldado confederado e um fazendeiro escravista do Sul. Estes mascotes geram reações públicas bem distintas. Ao longo das últimas décadas, Coronel Reb tem sido considerado racista porque sua imagem é muito associada à Confederação e à escravidão. Por outro lado, a maioria dos americanos permanece sem consciência das origens sangrentas dos mascotes de Kansas e Missouri. Ambas as universidades do Meio-Oeste tomaram medidas para reconstruir as imagens de seus mascotes, e quando elas de fato decidem recordar a memória da violência da guerrilha em sua rivalidade esportiva, a carnificina soa tão distante que poucos torcedores parecem se incomodar com os atos selvagens cometidos ao longo de sua fronteira durante a Guerra Civil. Comparar o Coronel Reb com o Jayhawk e o Tigre, assim como as reações públicas a eles, ilumina o *status* da memória da Guerra Civil na cultura americana. O debate sobre os mascotes revela que, enquanto a iconografia da Confederação permanece prevalecente e forte, muitos americanos têm pouco conhecimento das lutas que ocorreram ao longo das fronteiras, onde as identidades regionais eram ambíguas ao longo da Guerra Civil e evanesceram desde então. Mais importante, a falta de controvérsia em torno dos mascotes das universidades de Kansas e Missouri ilustra que, embora muitos americanos conscientemente rejeitem o passado racista da nação, a violência do conflito fronteiriço foi associada a uma causa nobre, a abolição da escravidão, o que permitiu que muitas pessoas incorporassem a imagética brutal em sua rivalidade esportiva, aparentemente sem levar junto uma bagagem cultural indesejável.

⁸ *Reb* é um termo informal usado para designar um soldado da Confederação (nota do editor).

⁹ Ole Miss History and Records: The Battle for the Golden Egg. OleMissSports.com. Disponível em: <http://www.olemisssports.com/pdf/83758.pdf?SPSID=82783&SPID=737&DB_OEM_ID=2600>. Acesso em 20 nov. 2009.

Memória e a Guerra Civil Americana

Pesquisadores descobriram que, às vezes, a memória de um acontecimento histórico se prova poderosa por si mesma, e grupos de pessoas às vezes constroem uma versão de eventos passados – uma memória coletiva do que se passou – para atender as necessidades de sua comunidade particular (HALBWACHS, 1992; HOBSBAWM e RANGER, 1983; GOFF, 1992; LACAPRA, 1998). Elaborando a partir destes quadros conceituais, historiadores americanos analisaram o papel que a memória desempenha no desenho dos acontecimentos históricos do país para forjar a identidade nacional (KAMMEN, 1991). Quando pesquisam guerra, em particular, historiadores demonstraram que conflitos precedentes, como a Guerra do Rei Felipe, foram aproveitados por americanos do século XIX que buscavam definir uma identidade nacional. Mais de um século depois, pesquisadores da Segunda Guerra Mundial, em particular aqueles que estudaram os efeitos dos campos de concentração de japoneses (nos EUA) e do lançamento das bombas atômicas, descobriram que a memória do conflito provou-se dividida, à medida que os veteranos e os historiadores buscam interpretar os aspectos mais negativos da guerra (LEPORE, 1998; GALLICCHIO, 2007).

Os historiadores da Guerra Civil também têm prestado bastante atenção à memória e, nas últimas décadas, vêm analisando como o conflito tem sido recordado distintamente por diferentes comunidades. Os pesquisadores argumentam que, no século seguinte à guerra, versões rivais do conflito disputavam a supremacia, e, com frequência, americanos brancos escolheram lembrar uma versão da guerra que promovia a reconciliação seccional ou celebrava os sacrifícios dos soldados comuns. Talvez não surpreenda que, à luz das tensões raciais do século XX, a questão da raça e seu lugar na memória da Guerra Civil tenha se provado um tópico controverso na cultura dos EUA. A maioria das memórias dos americanos brancos sobre a guerra não incluem a emancipação ou abolição da escravidão, dois componentes essenciais da guerra que as comunidades afro-americanas não esqueceram (BLIGHT, 2001; CLARK, 2005; CULLEN, 1995; FAHS e WAUGH, 2004). E mesmo os mascotes esportivos ilustram como a memória da Guerra Civil permanece um traço forte da cultura popular americana e, de fato, as questões morais da Guerra Civil – isto é, a escravidão – ainda provocam emoções.

As origens do Jayhawk, Tigre e Coronel Reb

O Jayhawk e o Tigre existem como vestígios de uma parte da Guerra Civil que foi amplamente esquecida por muitos americanos. Campos de batalha se espalharam pelo Sul e Leste dos Estados Unidos, e combates como os de Gettysburg, Antietam e Shiloh foram imortalizados, mas a luta sangrenta que ocorreu na fronteira Oeste, especificamente ao longo da divisa Missouri-Kansas, mal guarda

vestígio na memória popular da guerra (GALLAGHER, 2008). Os violentos confrontos que ocorreram no teatro trans-Mississippi foram de pequena escala e tiveram pouco efeito no conflito militar mais amplo. Da mesma forma, historiadores argumentaram que, uma vez que as paisagens do Missouri e Kansas eram tão parecidas, os fazendeiros vivendo em ambos os lados da divisa poderiam pôr de lado seu desdémio mútuo nas décadas do pós-guerra. As tensões seccionais que continuaram a castigar a maioria dos nortistas e sulistas não persistiram com tanta intensidade nas pradarias (DAVIS, 1996; NEELY, 2007). Por estas razões, as memórias do conflito ao longo da divisa Missouri-Kansas se apagaram ao longo do tempo e não conseguiram conquistar um lugar de destaque na memória nacional da Guerra Civil. Portanto, ainda que o conflito tenha deixado seu legado no Jayhawk e no Tigre, os mascotes raramente evocam reações fortes de torcedores e do público em geral.

Este conflito fronteiriço (que evoluiu para uma rivalidade universitária) começou durante os anos 1850, quando colonos de ambos os lados da divisa buscavam controlar o destino de Kansas. Os Estados Unidos estavam no meio de uma acalorada controvérsia seccional, e políticos dos estados nortistas e sulistas discutiam sobre a expansão da escravidão. Os do Missouri, em sua maioria, desejavam que Kansas se integrasse aos Estados Unidos como um estado igualmente escravista. Abolicionistas que viviam em Kansas se opuseram, e os abolicionistas do Meio-Oeste se deslocaram até Kansas para juntar-se à luta. Ao longo da divisa, escaramuças sangrentas ocorreram entre “Jayhawks” de Kansas e “Bushwhackers” do Missouri. Quando Kansas foi admitido nos Estados Unidos como um estado livre em 1861, a violência entre os dois estados continuou, de forma marcadamente pessoal. A carnificina que ocorreu foi bem distinta daquela das principais batalhas travadas nos teatros de guerra ocidental e oriental. Sem campos de batalha claros ou regulamentos militares a governar a conduta das guerrilhas, vizinhos atacaram-se uns aos outros em numerosos reides noturnos. Bandos armados se juntaram, atacando cabanas, aterrorizando mulheres e crianças, roubando famílias, e queimando fazendas à medida que assassinavam seus supostos inimigos. Estes rufiões criaram tamanho desassossego por toda a região fronteiriça que em 1863 o exército da União despovoou os condados do Oeste do Missouri e prendeu qualquer cidadão com conexões com os guerrilheiros. A constante possibilidade de ataques deixou os comerciantes receosos quanto aos negócios. Incêndios criminosos permaneceram uma ameaça constante, tanto na cidade como no campo; ladrões de cavalos e patifes se aproveitaram do ambiente caótico. Cercados de sangue e pandemônio, os civis frequentemente avançaram uns sobre os outros, buscando vingança pela morte de familiares, enquanto tentavam criar uma mínima sensação de segurança para si próprios (FELLMAN, 1988; MONAGHAN,

1984; NEELY, 2007).¹⁰

Em meio ao tumulto das décadas de 1850 e 1860, o “Jayhawk” emergiu como um termo para os lutadores do Kansas, embora as exatas origens da palavra sejam imprecisas.¹¹ A versão mais comum sustenta que “jayhawking” tem origem com um “guerrilheiro antiescravidão irlandês” chamado Pat Devlin, que definiu a criatura como um pássaro “que, de certa forma, ataca sua presa. Parece-me, enquanto cavalgo para casa, que é o que tenho feito”.¹² Outra história explica que um trem indo do Illinois para a Califórnia “esperava atravessar as planícies e montanhas desoladas [‘jayhawk[ing]’ seu caminho].¹³ Mesmo antes do conflito na fronteira, *jayhawking* estava associado com roubos e comportamento ameaçador – práticas comuns dos guerrilheiros que pilhavam a região sob o pretexto de estabelecer Kansas como um estado livre (ETCHESON, 2004, P. 227-228; GOODRICH, 1995, P. 11-28; GOODRICH, 1988, p. 213-225). Durante a guerra, o significado do termo mudou levemente. A sétima cavalaria de Kansas, uma unidade de guerrilha sob o comando de Charles Jennison, adotou o apelido “Jayhawkers”. Embora cruel, Jennison era popular em Kansas, e antes do fim da Guerra Civil, todos os soldados de Kansas já eram conhecidos como “Jayhawkers” (STARR, 1993).

Duas décadas depois, KU começou a usar Jayhawk como apelido. A primeira menção ao pássaro aparece no infame cântico da universidade, “Rock, Chalk, Jayhawk”, adotado em 1887.¹⁴ Pouco depois, os estudantes intitularam seu livro do ano *The Jayhawker*, e, por volta de 1899, o pássaro era um apelido não-oficial para o time principal de futebol americano.¹⁵ Foi só em 1912, contudo, que uma imagem de cartum do pássaro apareceu pela primeira vez. Criado por Henry Malloy, o pássaro do cartum calçava botas (para melhor chutar um Tigre do Missouri) e tornou-se uma atração do *Daily Kansan*. Embora tenha passado por muitas modificações, o pássaro continuou a servir como um dos símbolos oficiais da universidade.¹⁶

¹⁰ Para uma pesquisa mais ampla sobre a guerra de guerrilhas na Guerra Civil, ver McKnight (2006) e Sutherland (2009).

¹¹ O *Oxford English Dictionary* situa as origens do termo em 1865 e define um “jayhawker” como um pirata ao longo da fronteira Missouri-Kansas durante a Guerra Civil, mas o termo estava em uso antes de 1865. Ver: <<http://www.oed.com>>. Acesso em 1 nov. 2011.

¹² Loberta Brabant. “Jayhawk Traditions...,” *The Jayhawker: A Record of Events of the University of Kansas for the Year, 1933*, p. 35 (daqui em diante, *Jayhawker*). Ver também Nichols (1954, p. 145).

¹³ “Some of K.U.’s own particular Traditions,” folder N.D., box 1, Daniel Henry Maloy Collection, University Archives, PP 172, Kenneth Spencer Research Library, University of Kansas Libraries, Lawrence, Kansas.

¹⁴ “Traditions—Rock Chalk Chant,” The University of Kansas Jayhawks—Official Athletic Site. Disponível em: <<http://kuathletics.cstv.com/trad/kan-rock-chalk-chant.html>>. Acesso em: 21 abr. 2007. “How and When ‘Rock Chalk’ Came into Being,” in *Jayhawker*, 1917, p. 10.

¹⁵ “Football.” *Oread*. Lawrence, Kans.: Journal Publishing Company, 1899, p. 92-93.

¹⁶ Henry Maloy to Elmer Beth, 16 June 1946, folder 1944, box 1, Maloy Collection; “Additional Explanation,” folder 1964, box 1, Maloy Collection; para uma explicação

Tal qual o Jayhawk, o Tigre do Missouri tem origens na Guerra Civil. Durante o conflito fronteiriço, os cidadãos de Colúmbia (Missouri) se viram encurralados entre a União e a Confederação. A partir de 1862, tropas federais ocuparam a universidade, usando os prédios como alojamento e prisão temporária. Estudantes e moradores da cidade, a maioria dos quais simpatizantes da Confederação, em geral deploravam a ocupação pela União e ficaram horrorizados quando os soldados federais destruíram o campus.¹⁷ Embora fossem confederados leais, os habitantes de Colúmbia eram vulneráveis a ataques da guerrilha. Em 1864, à medida que cresciam os temores de um reide pelo notório Bill Anderson, os homens da cidade formaram uma guarda local, os “Tigres de Colúmbia”, que trabalharam com as tropas federais para manter a cidade segura (NICHOLS, 2004, p. 19).¹⁸ Os estudantes do Missouri guardariam ressentimentos contra os soldados federais por décadas, mas isto não evitou que a universidade adotasse “Tigres” como apelido em 1890.¹⁹ Mais recentemente, um panfleto publicado pela universidade pasteuriza as lealdades de Colúmbia à Confederação ao enfatizar que o apelido foi escolhido em homenagem aos estudantes que “largaram os livros e pegaram em rifles como recrutas numa unidade de milícia federal convocada para proteger Colúmbia durante a crise da Guerra Civil”.²⁰

Tal como Kansas e Missouri passaram as primeiras décadas do século XX adotando mascotes que se apropriavam da história dos estados na Guerra Civil, a Universidade do Mississippi também mergulhou nas imagens da Confederação e do Velho Sul. Já em 1897, símbolos associados com o Velho Sul haviam se estabelecido no campus, quando os estudantes selecionaram “Véia Miss” [Ole Miss] como o apelido para a universidade. Mais do que um termo que indica afeição pelo Mississippi, a alcunha era a expressão que supostamente os escravos usavam com frequência para se referir às suas sinhas (SANSING, 1999, p. 168-9). Essa versão distintamente sulista de *alma mater* não era a única manifestação do Velho Sul a adentrar a cultura universitária. Em 1937, o livro do ano apresentava múltiplas referências à cultura das *plantations* e à vida ao longo do Rio Mississippi na contracapa e na introdução.²¹

Ao mesmo tempo, a universidade adotou seu apelido e mascote

sobre as muitas formas do Jayhawk, ver “Hal Sandy’s Jayhawk Joins Establishment”. *Kansas Alumni* 75, October 1976, p. 14.

¹⁷ Damage Report, 16 February 1868, folder 1, box 1, UW 1/1/2, University of Missouri Archives, Columbia, Missouri (daqui em diante, UMissouri Archives).

¹⁸ Walter Wilson Stone. “Breaking the ‘University Prison’”. *Missouri Alumnus* 3, 1914, p. 83; “Why M.U. Calls Its Athletes ‘Tigers’”. *Kansas City Star*, 25 March 1917, p. 180.

¹⁹ Ray L. Burns. “During Civil War, Yankees Marred Beauty of Campus”. *Missouri Student (University of Missouri)*, 12 May 1948 (daqui em diante, *Missouri Student*); “Why M.U. Calls Its Athletes ‘Tigers.’”

²⁰ “Why Tigers? The Heritage of a Famous Symbol”. University of Missouri-Columbia, 1987, Tiger Mascot Folder, Vertical Files—Student Life and Activities, UMissouri Archives.

²¹ *Ole Miss*, yearbook, University of Mississippi, 1937.

“Rebelde”. Deixando de lado alcunhas anteriores como “A Enchente” e “O Vermelho e Azul”, dirigentes, alunos e ex-alunos decidiram, em 1936, que a instituição precisava de uma marca nova para seu time de futebol americano, e o *Daily Mississippian* lançou um concurso entre estudantes e ex-alunos para encontrá-lo.²² “Rebeldes” ganhou de lavada – uma inequívoca referência à Confederação. Como explicou um jornal, “os Rebeldes de Ole Miss, os Johnny Rebs, os Rebeldes Vermelhos e Azuis – o nome cabe em diversos usos”. “Rebelde” e “Johnny Reb” eram denominações comuns para partidários e soldados da Confederação. Da mesma forma, é evidente que os votantes tinham a Confederação em mente quando escolheram o novo apelido, pois “Stonewalls” e “Confederados” entraram na curta lista.²³

Construindo as imagens dos mascotes

Desde a adoção do Jayhawk na primeira metade do século XX, KU tem reconhecido as origens sangrentas de seu mascote, ao mesmo tempo em que trabalhou para suavizar sua imagem. Em 1926, o professor e decano da Escola de Graduação, F.W. Blackmar explicou que o termo se originara durante a guerra na divisa, quando o Jayhawk fora usado para descrever grupos diversos “que exigiam propósito, coragem, bravura e destemor sem limites”, e reconheceu que “*jayhawking* tornou-se um termo genérico para expressar pilhagem e busca de butim”.²⁴ De maneira semelhante, em 1944, o historiador e escritor Kirke Mechem (1944) assinalou que o termo primeiro descrevera rufiões de ambos os lados da divisa Kansas-Missouri, mas que o “nome afinal pegou-se ao lado antiescravista e eventualmente a todas as pessoas de Kansas” (p. 2) Com esta definição, Mechem vinculou na prática a devastação associada com “*jayhawking*” a uma causa nobre – a abolição da escravidão – e também reconheceu que o termo havia adquirido uma definição nova e mais modesta: ele simplesmente identificava um indivíduo como de Kansas.

De fato, tanto Blackmar quanto Mechem muito fizeram para retirar o Jayhawk de seu violento contexto original. Como Mechem, Blackmar sustentava que “o nome gradualmente passou a ser usado para todos os residentes de Kansas”, e posteriormente ele concluiu que “todo cidadão leal de Kansas sente orgulho de ser um membro do Clã-Kansas que agora representa coisas mais nobres que ‘*jayhawking*’”. O “*Jayhawk*” encarnava um “espírito” de camaradagem, coragem, poder, orgulho, benevolência, “lealdade, honestidade e viver corretamente”.

²² “New Name Needed by Ole Miss Football team; Contest to Decide Successor to Flood Being Held by Mississippian—Award Prize”. *Daily Mississippian (University of Mississippi)*, 2 May 1936 (daqui em diante, *DM*); “Ole Miss Rebels’—It’s Permanent,” *DM*, 19 September 1936.

²³ *Ibid.*

²⁴ F.W. Blackmar. “Origins of the Jayhawk”. Delivered on the Annual KU Radio Nite Program (December 1926), reprinted in “KU History and Traditions,” KU Memorial Unions: Event Services. Disponível em: <<http://union.ku.edu/legend.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2007.

Tendo enterrado as conotações negativas do mascote, “apenas as (...) qualidades para tornar e manter o Kansas livre permanecem”.²⁵ Blackmar afirmou que o propósito nobre que se escondia por trás da selvageria permitiu que o “Jayhawk” emergisse da guerra incorporando as características de um indivíduo que lutava por uma causa justa: a abolição da escravidão.

Ao associarem as origens do Jayhawk ao movimento antiescravista, Blackmar e Mechem suavizaram as imagens do mascote, mas Mechem forçou ainda mais, acrescentando vários mitos em torno das origens do Jayhawk que solidificaram o pássaro como um animal dócil, não um caçador. Ele primeiro sugeriu que geólogos da universidade haviam encontrado fósseis de antigos Jayhawks em pedras calcárias próximas à instituição. Ele prosseguiu com uma lenda indígena inventada, na qual o Jayhawk era conhecido como o “Thunderbird” invisível e imortal, que se fixara no Kansas “porque a terra é plana” e permitia a seus pássaros voadores pousar com segurança. De fato, os enormes pássaros produziam um vento tão forte quando voavam que trouxeram brisas, chuva e vegetação para o Kansas. Até os soldados de Coronado supostamente tiveram contato com o Jayhawk, nomeando-o “o burro com penas” devido às “grandes patas” e “voz áspera”. O próprio Coronado, de acordo com a história de Mechem (1944), igualava o Jayhawk ao Fênix (p. 4-8). Ao perpetuar tais mitos, Mechem tornou mais fácil para a KU manipular o significado histórico de seu mascote ao despersonalizá-lo e desconectá-lo de seu passado violento.

Mas os contos de Mechem também provavam que a KU não precisava enterrar completamente a memória do conflito fronteiriço. Escrevendo para uma comunidade universitária lidando com a Segunda Guerra Mundial, Mechem (1944) terminou sua história reconectando o Jayhawk à Guerra Civil e garantindo aos leitores que o mítico pássaro “continuava a ser o Espírito Guardião de Kansas. Assim como, no passado, defendera o território de ataques surpresa, ele ainda abre suas asas protetoras sobre o estado” (p. 8). Da mesma forma, os “Jayhawkers” dos anos 1940 – estudantes universitários lutando na guerra – iriam carregar o espírito do pássaro com eles. A memória do Jayhawk como uma força benigna unificadora provou seu poder ao tranquilizar os habitantes de Kansas de que sairiam ilesos da Segunda Guerra Mundial (p. 11).²⁶

No século XXI, KU segue construindo a imagem do Jayhawk a partir daquela criada por Blackmar e Mechem. De acordo com o site do departamento de esportes, o pássaro – embora inicialmente associado com “falta generalizada de lei” – veio a representar coragem e

²⁵ F.W. Blackmar. “Origins of the Jayhawk”. Delivered on the Annual KU Radio Nite Program (December 1926), reprinted in “KU History and Traditions,” KU Memorial Unions: Event Services. Disponível em: <<http://union.ku.edu/legend.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2007.

²⁶ Ver também Keith Spalding. “Flying Jayhawkers”. *Jayhawker*, 1941, p. 29, 68, 70. Spencer Burtis. “Fighting Jayhawkers”. *Jayhawker*, 1941, p. 32, 33.

camaradagem quando o nome foi adotado pelo regimento de Jennison durante a Guerra Civil. Desde os anos 1860, sustenta o site, os habitantes de Kansas têm o “orgulho de serem chamados Jayhawkers”.²⁷ Seguindo o exemplo da universidade, outras fontes noticiosas ecoaram esta versão do significado do Jayhawk, reconhecendo suas origens violentas, mas constantemente ligando o termo a uma cruzada antiescavidão e explicando que o mascote perdera quaisquer características negativas.²⁸

Além de enfatizar as características benignas do Jayhawk, a KU também remodelou a aparência do pássaro para que fosse brincalhona, em vez de assustadora. Embora os estudantes da universidade de início tenham desenhado o mascote como uma ave de rapina com olhar de falcão, em 1912 o cartum do Jayhawk de Henry Maloy parecia mais travesso do que violento. Durante a Segunda Guerra Mundial, a universidade substituiu o Jayhawk brincalhão pelo “Warbird”, uma criatura com uma expressão bastante assustadora.²⁹ Mas após o fim da guerra, dirigentes da universidade optaram por um mascote menos ameaçador. Contratando as habilidades artísticas do estudante Hal Sandy, a instituição adotou o “Jayhawk Feliz”, que permaneceu até o presente.³⁰ Essa nova manifestação do Jayhawk é “amistosa, atrativa e de forma alguma ameaçadora”, segundo um estudante.³¹ De fato, em 2004, a instituição decidiu que o mascote era “frívolo demais para carregar o pendão acadêmico da universidade”.³² Que o Jayhawk agora seja associado a frivolidade e felicidade exemplifica o sucesso da universidade em cultivar um novo sentido para seu mascote.

Justamente enquanto a KU trabalhava para criar uma imagem

²⁷ “Traditions—The History of the Jayhawk”. The University of Kansas Jayhawks—Official Athletic Site. Disponível em: <<http://kuathletics.cstv.com/trad/kan-jayhawk-history.html>>. Acesso em 16 abr. 2007.

²⁸ “Did You Know?”. *Topeka Capital-Journal*, 16 August 2009, sec. 60. Miles, p. 7. Mike Hall. “KU: If It Looks, Walks Like a Duck, It’s a Jayhawk,” *Topeka Capital-Journal*, 25 June 2008, sec. A, p. 1. Steve Fry. “Author Details Kansas History,” *Topeka Capital-Journal*, 19 January 2006, sec. A, p. 49. Erin Shipps. “Jayhawk Mascots Try to Uphold History, Tradition”. *University Daily Kansan (University of Kansas)*, 18 August 2005 (daqui em diante, *UDK*). Mike Nichols. “A Mascot’s Dubious Lineage,” *Milwaukee Journal Sentinel*, 4 April 2003, sec. B, p. 8.

²⁹ “In the Jayhawk, M.D. Tradition...: From the Jayhawk Collection of the Alumni Association of the University of Kansas”, folder N.D., box 1, Maloy Collection. “A Jayhawker’s Night Out”. *Jayhawker*, 1947, p. 71. “The Jayhawk and Mr. Maloy”. *Kansas Alumni* 72 (1971), p. 4.

³⁰ “The Jayhawk and Mr. Maloy”; biographical information, box 1, Harold D. “Hal” and Wilda Sandy Collection, University Archives, p. 429, Spencer Library. Unveiling of KU’s Official Lettering—Clippings and Correspondence, box 1, Sandy Collection.

³¹ Tim Dwyer. “Morning Brew: Jayhawk Mascot Not Mean Enough”. *UDK*, 31 August 2009.

³² Nate McGinnis. “New Logo a No-Go for Kansas”. *UDK*, 20 September 2005. Ross Fitch. “U. Kansas Has New Plan, New Identity”. *UDK*, 22 September 2004. Editorial, “Free the Jayhawk,” *Lawrence Journal-World*, 7 September 2006, LexisNexis 20060907-LW-0907.

Disponível em: <<http://www.lexisnexis.com/hottopics/lnacademic/?verb=sf&sfi=AC01NBSimplSrch>>. Acesso em: 13 set. 2009.

benigna para seu Jayhawk, Mizzou iniciou um processo semelhante. Diferentemente do Jayhawk, o xará do Tigre, a unidade de guarda federal, não era conhecida exclusivamente por perpetuar violência extra-legal na região. Não obstante, a universidade trabalhou para louvar os sacrifícios de seus estudantes soldados, enquanto distanciava seu Tigre das origens na Guerra Civil. Usando uma estratégia parecida com a empregada por Mechem e KU, Mizzou realçou o animal – não o soldado – embutido no mascote. Um folheto publicado pela universidade apontou que o tigre é “reverenciado por sua força e astúcia e temido por suas incursões noturnas para caçar”, e descreve o animal como valente, gracioso, perigoso, cômico e sensível. A universidade abraçou suas características valorosas e adotou o animal como “um símbolo e mascote apropriado por gerações de missourianos”.³³ Em 1984, um concurso para escolher um nome para o mascote afastou-o ainda mais da Guerra Civil e resultou num Tigre atualizado nomeado Truman em homenagem ao presidente Harry S. Truman, nascido no Missouri. O Tigre também recebeu “uma nova cara para a caricatura apropriada e sorridente que ele tem atualmente, em oposição ao rosto mais agressivo do mascote anterior”.³⁴ Truman, de acordo com estudantes de Mizzou, é “mais amigável para as crianças”.³⁵ Um mascote mais maleável que Coronel Reb, Truman, com seu novo nome e sua imagem amigável, acabou por se associar mais amplamente com a história do Missouri, e suas origens na Guerra Civil foram largamente apagadas e esquecidas.

Enquanto isso, estudantes da Universidade do Mississippi passaram as décadas intermediárias do século XX burilando uma imagem para seu novo mascote não-oficial, Coronel Reb, que ao final dos anos 1930 e nos anos 1940 apareceu em livros do ano e em roupas esportivas.³⁶ Na maioria das vezes, o Coronel Reb era apresentado como um cavalheiro sulino idoso de cabelos brancos, apoiado numa bengala ou fazendo uma pose exageradamente preguiçosa.³⁷ Segundo se diz, ele gostava de ver futebol americano, enquanto tomava *juleps*³⁸ de hortelã.³⁹ No entanto, não muito atrás deste fazendeiro preguiçoso e biritador de *juleps*, sempre se escondeu um soldado da Confederação. Durante o Sugar Bowl de 1959, Coronel Reb percorria a lateral do lado do Mississippi vestido com um uniforme de soldado confederado, e a

³³ “Why Tigers? The Heritage of a Famous Symbol”. University of Missouri-Columbia, 1987, Tiger Mascot Folder, Vertical Files—Student Life and Activities, UMissouri Archives.

³⁴ “The Evolution of Truman the Tiger”. *Columbia Missourian*, 5 October 2007, p. 6.

³⁵ Marlena Huenefeld. “MU’s Loveable Mascot”. *The Savitar—The MU Yearbook*. Columbia: University of Missouri Press, 2001, p. 241.

³⁶ *Ole Miss*, 1937; *Ole Miss*, 1942, p. 14, 230; *Ole Miss*, 1943, p. 13; *Ole Miss*, 1944, p. 114.

³⁷ *Ole Miss*, 1953, p. 120, 122.

³⁸ Segundo o *Dicionário Michaelis*, um drinque preparado com “uísque, açúcar, gelo moído e hortelã” (NE).

³⁹ “This is Colonel Reb’s Story”. *Ole Miss*, 1951, p. 198.

equipe foi descrita como o exército “saqueador Rebelde”.⁴⁰ Em 1978, um estudante vestido com um uniforme da Confederação adentrou o campo de futebol americano acompanhando o time.⁴¹ A biografia do Coronel Reb até contou as histórias do time de futebol americano da Universidade do Mississippi e da Guerra Civil costuradas numa só narrativa. Antes de lutar na Guerra Civil, contudo, o Coronel também se lembrava de “lutar contra aqueles índios de beira de rio lá na Flórida” com Andrew Jackson.⁴² Estudantes, portanto, ajudaram a modelar um passado para o Coronel Reb e para a universidade em que brancos sulistas dominavam índios americanos e afro-americanos.

Nos anos 1950 e 1960, imagens romantizadas da Confederação começaram a aparecer com maior frequência na universidade, tanto dentro como fora do campo de futebol americano. Durante a semana anual de celebração, estudantes se tornavam “rebeldes leais” e reviviam tradições do Velho Sul, “nas quais o corpo estudantil se separa(va) da União e participava numa celebração para comemorar os tempos do Velho Sul”, “trocando seu dinheiro americano sem valor por gravatas de laço, carteirinhas de sócio, e notas promissórias da Confederação”.⁴³ Ao mesmo tempo, torcedores de futebol americano começaram a agitar bandeiras de guerra, e a banda – com uniformes contendo o Cruzeiro do Sul – começou a tocar “Dixie” com mais frequência.⁴⁴ A conexão entre futebol americano, Guerra Civil e símbolos da Confederação não é coincidência. Historiadores encontraram evidências de que, no Sul, vitórias nos campos de futebol americano contra um time nortista às vezes eram vistas pelos fãs como uma retribuição por perdas sofridas durante a Guerra Civil. Torcedores de futebol americano sulistas às vezes agitavam bandeiras da Confederação e cantavam o orgulho de serem sulinos. Entretanto, durante os anos 1940, 1950 e 1960, quando estudantes começaram a usar símbolos da Confederação para apoiar o movimento Dixiecrat e se opor aos direitos civis, os símbolos assumiram conotações abertamente racistas. Pelo Sul, os estudantes incorporaram pendões da Confederação em seus protestos contra a integração e, na Universidade do Mississippi, a bandeira teve uma forte presença durante a polêmica em torno da admissão de James Meredith e a integração na universidade.⁴⁵

⁴⁰ “The 1959 Sugar Bowl Champs; SEC Team of the Decade”. *Ole Miss*, 1960, p. 24.

⁴¹ *Ole Miss*, 1978, p. 124.

⁴² “This is Colonel Reb’s Story”. *Ole Miss*, 1951, p. 184-205, citação à p. 192.

⁴³ “The South Rises Again...”. *Ole Miss*, 1957, p. 26.

⁴⁴ *Ole Miss*, 1950-1959; *Ole Miss*, 1965, pp. 182-183.

⁴⁵ Para trabalhos sobre o uso de imagens da Guerra Civil no futebol americano do Sul, ver Nehls (2002) e Boruki (2003). John M. Coski (2000) apresenta uma ampla análise do uso de símbolos da Confederação na vida universitária. Para pesquisas sobre os símbolos da Confederação na Universidade do Mississippi, ver Newman (2007), Sansing (1999) e Cohodas (1997). Para análises da integração na Universidade do Mississippi, ver Doyle (2001), Lambert (2010) e Eagles (2009).

A controvérsia em torno da remoção do Coronel Reb

Apenas em 1979 Coronel Reb tornou-se o mascote oficial das equipes esportivas da Universidade do Mississippi. Contudo, menos de uma década após seu boneco com cabeça feita de espuma desfilarem pela primeira vez para cima e para baixo na beira do campo, o mascote, e outros símbolos da universidade, haviam se tornado controversos.⁴⁶ No início da década de 1980, estudantes e ex-alunos começaram a protestar contra o destaque dado às imagens da Confederação na universidade, e, em 1997, a escola havia formalmente cortado seus laços com a bandeira da guerra (COSKI, 2000).⁴⁷ Os dias do Coronel Reb estavam contados. Na mesma época, numerosos mascotes universitários caricaturando povos originários passaram a ser objeto de ataque porque eram considerados racistas.⁴⁸ As controvérsias iluminaram o poderoso imaginário embutido nos mascotes, e foi em meio a este clima, em 2002, que os administradores da Universidade do Mississippi e o departamento de esportes contrataram o Phoenix Group de Nova York para estudar o mascote com um olhar que buscasse atualizar o ultrapassado Coronel.⁴⁹ Embora o reitor Robert Khayat tenha garantido aos estudantes que a administração não tinha planos de “descartar símbolos da universidade como Coronel Reb, os Rebeldes de Ole Miss e ‘Dixie’, na altura do verão de 2003, Coronel Reb foi retirado da beira do campo.⁵⁰ De acordo com o *Daily Mississippian*, o diretor atlético Pete Boone havia relatado que o Coronel Reb não “se encaixa em nada do que fazemos’ em Ole Miss”.⁵¹ Khayat foi além ao explicar a razão por trás do abandono do mascote: o Coronel Reb precisava de uma atualização de forma a ser mais “representativo de um departamento de esportes moderno”, refletindo “o entusiasmo, vitalidade e energia juvenis de nossos estudantes”.⁵²

Para reduzir a resistência dos estudantes, Khayat e Boone tentaram criar entusiasmo por um concurso para selecionar um novo mascote, enquanto garantiam aos estudantes que nenhuma de suas estimadas tradições seria substituída.⁵³ Khayat explicou que a Universidade do Mississippi iria manter o apelido “Rebeldes”, que eles continuariam a tocar “Dixie” em eventos esportivos, e que embora o

⁴⁶ *Ole Miss*, 1979, p. 144.

⁴⁷ Kevin Sack. “Old South’s Symbols Stir a Campus”. *New York Times*, 11 March 1997, sec. A, p. 14. Michael Atkins. “Mascot Debate Continues”. *DM*, 5 June 2003.

⁴⁸ Para pesquisas aprofundadas sobre controvérsias em torno de mascotes, ver King e Springwood (2001), Spindel (2000), Hemmer Jr. (2008), Hofmann (2005), Strong (2004), Farnell (2004).

⁴⁹ Melissa Sindelar. “Ole Miss Vetoes Mascot Revisions”. *DM*, 9 June 2003.

⁵⁰ Elizabeth Yoste. “Khayat Squelches Mascot Rumors”. *DM*, 8 March 2002; editorial, “Is Colonel Reb In or Out?” *DM*, 28 May 2003. Laura Houston, “Col. Reb Booted off Field, Court”. *DM*, 19 June 2003.

⁵¹ Editorial, *DM*, 28 May 2003.

⁵² Robert Khayat, “Chancellor’s Column—Clearing Up the Myths of Colonel Reb’s Expulsion,” *DM*, 11 July 2003.

⁵³ Melissa Sindelar. “Mascot Still Official Symbol, Khayat Says”. *DM*, 20 June 2003; editorial, “Help Make a Change”. *DM*, 28 August 2003.

Coronel Reb não fosse mais aparecer no campo, ele iria “continuar a ser incluído entre nossos nomes registrados, aparecer em produtos e em apresentações públicas”.⁵⁴ Khayat também suplicou aos estudantes e ao público para que não “introduzissem raça na discussão”.⁵⁵ Contudo, a despeito da insistência dos dirigentes universitários de que a troca de mascote era o simples resultado de uma necessidade de renovação do guarda-roupa, muitos estudantes e ex-alunos continuaram a acreditar que a raça era central na remoção de seu mascote e acusaram a universidade de tentar destruir sua herança e o espírito institucional.

Reconhecendo que o mascote simbolizava intolerância para alguns estudantes, uns poucos ex-alunos e membros do corpo estudantil discursaram a favor da mudança. A Associação de Estudantes Negros declarou que o “Coronel Reb deveria ser modificado para promover o progresso de nossa universidade, nosso estado e nossa nação”.⁵⁶ Da mesma forma, diversos atletas afro-americanos alegaram que o mascote havia dissuadido alguns jovens talentosos de aceitar bolsas para jogar futebol americano na Universidade do Mississippi.⁵⁷ Outros estudantes imploraram a seus colegas que “continuassem a defender nossa imortal tradição de lealdade a Ole Miss, independentemente de nossas conexões emocionais com símbolos que passaram a ser associados com nossa escola como uma reação à era dos direitos civis”.⁵⁸ Na visão destes estudantes, livrar-se de um mascote racista beneficiaria a universidade ao atrair melhores atletas e ao permitir à instituição avançar em relação a seu passado problemático. Suas opiniões, contudo, representavam apenas uma parte do corpo estudantil.

Outros estudantes da Universidade do Mississippi reagiram de forma emotiva à remoção do Coronel Reb, redigindo defesas apaixonadas de seu mascote querido. Estudantes reivindicaram que o ataque ao Coronel Reb era simplesmente outra forma de agressão do Norte. A contratação de uma empresa sediada em Nova York pela universidade para revitalizar a imagem do mascote foi tratada como evidência disto. Um estudante conjecturou “que a vasta maioria das pessoas que apoiavam a mudança ou a liquidação do mascote Coronel Reb são pessoas de fora do estado ou sem conexão passada com a universidade e seus ideais”.⁵⁹ Um estudante concluiu que “*Yankees*”

⁵⁴ Khayat. “Chancellor’s Column”.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ Melissa Sindelar. “Black Student Union Publicly Supports Colonel Reb’s Ousting”. *DM*, 3 July 2003.

⁵⁷ Michael Atkins. “Col. Reb Changes May Affect Ole Miss’ Recruitment”. *DM*, 23 June 2003; idem, “UM Alumni Voice Opinions on Col. Reb”. *DM*, 1 July 2003; Lambert, *The Battle of Ole Miss*, 163-164.

⁵⁸ Kevin Johnson. “Head to Head—Should the Colonel Get the Boot?”. *DM*, 19 June 2003. Ver também D. Allan Mitchell. “U. Mississippi Missing Southern Hospitality”. *DM*, 20 February 2002; Brandon Niemeyer. “Traditions of a Racist Past”. *DM*, 2 March 2005; Troy Junta Smith. “Time to Get Over Racial Problems”. *DM*, 18 November 2005.

⁵⁹ Letter, C. Ivy Owen to Editor, “Time Has Come to Take a Stand, to Say, ‘Enough Is Enough’”. *DM*, 10 June 2003.

não tinham modos, não gostavam de futebol americano, e não compreendiam “o sentido de respeito e honra” que o Coronel Reb encarnava.⁶⁰ A maioria dos estudantes contrários à remoção rapidamente respondeu as críticas dos Yankees a seu mascote defendendo as relações raciais na Universidade do Mississippi. Esses nortistas – “pensadores de elite em grandes cadeiras” – estavam tentando substituir o “sentido de história” da universidade com símbolos novos e “politicamente corretos”.⁶¹ Revivendo a linguagem da discórdia seccional dos anos 1860, os estudantes concluíram que o Coronel Reb não estava sendo removido porque sua espuma precisava ser trocada. Em vez disso, o problema era sua ligação com a Confederação, pois os símbolos confederados estavam intimamente ligados ao racismo.

Mas até estudantes que reconheciam que a Universidade do Mississippi tinha problemas raciais e admitiam que o Coronel Reb poderia, de fato, ser problemático, continuaram a argumentar que remover o mascote “não era uma solução rápida ou um portal mágico para a harmonia racial em Mississippi”. Em vez disso, o banimento do Coronel Reb corria “o risco de potencialmente aprofundar as animosidades por ameaçar tradições valorizadas por muitos ex-alunos e estudantes (e em geral vistas como socialmente aceitáveis).⁶² A crença de que tirar o mascote do campo de futebol americano poderia aumentar as tensões raciais no campus mostra como o Coronel Reb evocava ligações poderosas com o passado da Universidade do Mississippi e suas relações raciais historicamente tumultuadas.

O Jayhawk, o Tigre, e o Duelo da Fronteira no Século XXI

Embora o Coronel Reb tenha encontrado seu fim, o Jayhawk e o Tigre continuaram a medrar e, quando se encontram em competições esportivas, memórias isoladas do violento conflito fronteiriço ganham vida, a despeito de esforços de UK e Mizzou para remover seus mascotes do contexto da Guerra Civil. Coincidentemente, o Duelo da Fronteira e sua retórica violenta tomaram impulso justo à medida que a violência inerente ao esporte nos EUA tem atraído crescente atenção. Pesquisadores notaram que, para os torcedores, a violência embutida em esportes de contato torna a experiência mais animante. Desde que os espectadores acreditem que estão seguros, testemunhar violência

⁶⁰ Letter, Tad Wilkes to Editor, “Col. Reb Embedded in UM Tradition”. *DM*, 28 May 2003; letter, Cory Sims to Editor, “Colonel Reb Is a Southern Gentleman”. *DM*, 6 June 2003.

⁶¹ Letter, Ken Joslin, Oxford, to Editor. “Fans Allowing Themselves to be ‘Walked Over’”. *DM*, 23 June 2003; Robert Krause. “Don’t Forget Colonel”. *DM*, 26 February 2002; letter, Chase Hudson to Editor. “Colonel Reb Should Be ‘Upgraded’ in Different Manner”. *DM*, 29 May 2003; letter, Adam Gussow to Editor. “Colonel Reb’s Current Appearance Should Provoke Embarrassment, Not Pride”. *DM*, 6 June 2003; letter, Robert McClellan to Editor. “Perceptions of Colonel Reb Unjustified”. *DM*, 9 June 2003.

⁶² Editorial, *DM*, 28 May 2003.

recreativa lhes entretém e estimula (KERR, 2005; LEWIS, 2007; YEAGER, 1979). Embora agressões sejam inerentes ao futebol americano, a violência embutida na rivalidade fronteiriça entre Kansas Jayhawks e Missouri Tigers está um passo além. Por construírem uma rivalidade atlética mergulhada na memória sangrenta da guerra travada ao longo da divisa Missouri-Kansas, ambas as universidades capitalizaram um passado violento de forma a produzir um ambiente agressivo (embora seguro) para seus torcedores.

Originalmente denominada Guerra da Fronteira, a rivalidade é a mais antiga em vigor a oeste do Rio Mississippi.⁶³ Os times têm jogado desde 1891, mas em geral nenhum deles se referiu às tensões da fronteira quando insultava o lado adversário nas primeiras décadas da rivalidade. Em 1925, uma vitória de Kansas instigou estudantes do Missouri a concluir que os Jayhawks haviam “conseguido vingar toda a ignomínia dos últimos cinco anos e todos os insultos que se acumularam sobre eles desde que Quantrell [sic] pilhou Lawrence nos anos 1850”.⁶⁴ Exceto por esta referência isolada, os estudantes não discutiram o massacre ou a guerra em seus livros do ano ou jornais.

Embora a rivalidade tenha se mostrado intensa nos anos iniciais do século XX, poucas décadas depois ela perdeu muito de sua intensidade, na medida em que nenhuma das universidades se tornou uma potência no futebol americano. A falta de interesse pelo jogo de futebol impeliu ex-alunos de ambas as universidades a comprar um tambor de guerra dos osages para servir como troféu para o vencedor. Nem isto despertou muito entusiasmo, e o troféu rapidamente se perdeu.⁶⁵ O tambor liga a rivalidade à história dos povos originários de ambos os estados, não à Guerra Civil.⁶⁶ De fato, um estudante do Missouri, escrevendo em 1974, parecia desconhecer que a rivalidade tivesse qualquer ligação com a guerra, e arriscou que se “existem, de fato, sentimentos verdadeiros de ódio entre as duas universidades, eles podem haver se desenvolvido no período 1959-1960”.⁶⁷ Ele se referia a uma vitória de Kansas sobre Mizzou que custou aos Tigres um título nacional. A vitória foi posteriormente cassada, e a controvérsia deu início a tensões que transbordaram para a temporada de basquete,

⁶³ “KU-Mizzou To Be Played at Arrowhead”. *Lawrence Journal-World*, 22 January 2007. Disponível em:

<http://www2.ljworld.com/news/2007/jan/22/kumizzou_be_played_arrowhead>.

Acesso em 2 mar. 2007.

⁶⁴ Tom Mahoney. “Football,” in *The Savitar—The MU Yearbook*. Columbia: University of Missouri Press, 1926, p. 231.

⁶⁵ “Pan-Hel Suggests M.U.-K.U. Trophy”. *Missouri Student*, 8 October 1930; Mark D. Hersey, “October 31, 1891—A Rivalry Is Born”. www.kuhistory.com. Disponível em: <<http://www.kuhistory.com/proto/storyprintable/asp?id=116>>. Acesso em 14 mar. 2007; “Of Historical Significance . . .”. *St. Louis Post-Dispatch*, 20 November 2007, special sec. E, p. 6; Tom Churchill. “M.U., K.U. Spice Up Hum-Drum Season”. *Maneater (University of Missouri)*, 21 November 1986, p. 26-27 (daqui em diante, *Maneater*).

⁶⁶ Bill Woodward. “KU-MU Rivalry Beats on a Different Drum”. *Kansas Alumni* 86 (1987): 11.

⁶⁷ Jerry Sullivan. “Tigers Meet KU in Finale”. *Maneater*, 22 November 1974, p. 14.

resultando numa pancadaria entre os dois times testemunhada por milhares em transmissão nacional de televisão.⁶⁸ Outro estudante de Mizzou acreditava que Nebraska, e não Kansas, se tornara o “arquirrival” de sua faculdade.⁶⁹ Por sua vez, torcedores de Kansas expressavam animosidade muito maior contra os Kansas State Wildcats.⁷⁰

Ultimamente, a rivalidade ganhou mais intensidade devido ao sucesso recente de ambas dentro de campo, e a ligação com a Guerra Civil emergiu até a superfície. Como haviam feito com seus mascotes, em 2004 as universidades tentaram suavizar um pouco a imagem da rivalidade ao renomeá-la de “Guerra da Fronteira” para “Duelo da Fronteira”, à luz das guerras no Afeganistão e no Iraque.⁷¹ Não obstante, a KU trabalhou especialmente com o propósito de ligar a rivalidade à Guerra Civil, como evidenciado num artigo de 2007 publicado no site *www.KUHistory.com*, que revelou que a rivalidade “reacendia uma ‘Guerra da Fronteira’ que estava adormecida desde o fim da Guerra Civil”.⁷² De forma similar, o ex-técnico de futebol americano de Kansas, Mark Mangino, relatou que os técnicos “educam nossos jogadores [a respeito das origens da rivalidade na Guerra Civil]”.⁷³ Igualmente importante, muitos torcedores mencionaram o conflito fronteiriço ao falar sobre o jogo. Antes da partida de 2007, torcedores de Mizzou criaram e vestiram camisetas com um “placar” mostrando “o reide de 1862 de Quantrill em Lawrence por simpatizantes do Sul oriundos de Missouri”, junto com o resultado Missouri 1x0 Kansas. O fabricante das camisetas alegou que “produziu as camisetas como um protesto silencioso contra o uso continuado do mascote Jayhawk pela Universidade de Kansas”. O mascote, sustentou ele, era inapropriado devido a suas ligações com as atrocidades da Guerra Civil. Suas preocupações foram deixadas de lado pela KU.⁷⁴

Não querendo ficar para trás, os partidários dos Jayhawks responderam com camisetas exibindo John Brown, e o *slogan*

⁶⁸ Border War: Kansas vs. Missouri. Dir. e prod. Erik Ashel, Metro Sports/Time Warner Cable, 2008, 119 minutos.

⁶⁹ Ron Pemstein. “Mizzou, Kansas to Battle For Second in Big Eight”. *Maneater*, 21 November 1967, p. 13.

⁷⁰ Earl Barney. “1944 on the Kansas Gridiron” *Jayhawker*, 1945, pp. 144-145; *Jayhawker*, 1986, p. 129; Brent Maycock. “A Century of Kansas Football Comes to an End... The Tradition Continues”. *Jayhawker*, 1990, p. 78; David Byrd. “Rioting: An Annual Attraction at Aggieville”. *Jayhawker*, 1987, p. 46; Tracee Hamilton. “The Truth about Cats and Birds: As a Former Baby Jay Recalls, the Best Action When KU Plays K-State Is Sometimes on the Sidelines”. *Kansas Alumni* 94 (1996): 21.

⁷¹ “Border War” No More; KU-MU Series Retitled. *Lawrence Journal-World*, 5 out. 2004. Disponível em: <http://www2.ljworld.com/news/2004/oct/05/border_war_no/>. Acesso em 1 nov. 2011.

⁷² Mark D. Hersey. “October 31, 1891—A Rivalry Is Born”. *www.KUHistory.com*. Disponível em: <<http://www.kuhistory.com/proto/story-printable/asp?id=116>>. Acesso em 14 mar. 2007.

⁷³ Daniel Berk. “Mizzou We No Liked: The Rivalry Lives On”. *UDK*, 27 October 2005.

⁷⁴ Sarah Neff. “Raid Rivalry Shirt Made for Personal Use”. *UD*, 20 November 2007.

“Mantendo Kansas livre do Missouri desde 1854”.⁷⁵ Outras camisetas traçaram conexões com o passado escravista do Missouri usando frases cruas, como “Chupa, escravocrata”.⁷⁶ Dois anos depois, em 2009, estudantes torcedores do basquete de Kansas foram ao jogo contra Missouri ostentando uma enorme versão de *Tragic Prelude* – uma pintura de John Steuart Curry retratando o caos da guerra fronteiriça nos anos 1850 – editada para mostrar John Brown segurando um troféu de campeão nacional.⁷⁷



Cortesia de Nick Krug, fôtoógrafo. *Lawrence Journal-World*, 6 mar. 2009.

Para alguns torcedores, a imagem pareceu “um tanto vingativa”.⁷⁸ Um estudante de Kansas notou que o ataque de Quantrill (e a camisa) estavam “relacionados a questões de escravidão e antiescravidão em torno desta cidade, e isto não é algo que eu gostaria de ver ligado ao

⁷⁵ “Border War’ Shirts Pop Up before Big Game”. KMBC.com, 15 November 2007. Disponível em: <<http://www.kmbc.com/print/14600183/detail.html>>. Acesso em: 4 set. 2009.

⁷⁶ A camiseta, oficialmente denominada “Camisa ‘SIS’ John Brown KU-MU”, é vendida online por Spreadshirt. Disponível em: <<http://www.spreadshirt.com/us/US/John-Brown-KU-MU-SIS-shirt/Detail-3380/Marketplace/Products/detail/article/2489972/departament/1>>. Acesso em 4 set. 2009.

⁷⁷ “Sign Creators ‘Motivated to Do Something Huge’”. *Lawrence Journal-World*, 6 March 2009. Disponível em: <<http://www2.ljworld.com/news/2009/mar/06/sign-creators-motivated-do-something-huge>>. Acesso em: 1 nov. 2011.

⁷⁸ “Border War’ Shirts Pop Up before Big Game”. KMBC.com, 15 November 2007. Disponível em: <<http://www.kmbc.com/print/14600183/detail.html>>. Acesso em: 4 set. 2009.

esporte”.⁷⁹ O historiador da Universidade de Kansas, Mark Hersey, declarou-se contra a camiseta “do placar”, assumindo uma posição similar à de outros dirigentes universitários ao longo das décadas. Ele sustentava que há “uma diferença entre as origens históricas de algo e o que aquilo significa convencionalmente”.⁸⁰ Hersey percebeu que, embora ambos os lados lutassem selvagemmente, “era difícil simpatizar com o lado de Missouri porque era um estado escravista”.⁸¹ Ao afirmar que o significado do Jayhawk mudara ao longo do tempo e que as atrocidades cometidas pelos Jayhawkers eram mais desculpáveis porque estavam lutando contra a escravidão, Hersey e o *University Daily Kansan* chegaram ao cerne de por que o Jayhawk é visto como um símbolo aceitável.

Apesar de alguns torcedores considerarem as camisetas de um certo mau gosto, ambas as universidades continuam a capitalizar sobre a história sangrenta de seus estados quando promovem a rivalidade, e os torcedores fazem gozação uns com os outros, usando imagens da luta para expressar seu desdém pelo time oposto. Como um torcedor de Missou supostamente explicou, a “rivalidade é mais pessoal do que qualquer outra no país. É ÓDIO... Lembremos Quantrill”.⁸² Que os eventos do conflito fronteiriço original possam ser tratados pelo marketing das duas universidades como um “Duelo da Fronteira”, enquanto os torcedores fazem gozações impensadas sobre violentos ataques de guerrilha é significativo por duas razões. Primeiro, o comportamento dos torcedores nos jogos demonstra que houve uma reconciliação, até certo ponto, entre Missouri e Kansas, tornando possível para alguns opositores azucrinar-se entre si dentro do contexto do jogo, enquanto outros simplesmente descartam a violência e a memória da guerra como um todo. Segundo, a cultura torcedora em torno do “Duelo da Fronteira” ilumina tendências maiores na cultura popular americana. Que a memória da guerra selvagem possa ser ressuscitada como uma rivalidade galhofeira por espectadores esportivos indica que os norte-americanos, no interior da cultura dos esportes, são notáveis aceitadores da violência, especialmente quando esta violência pode ser ligada a uma causa nobre como a abolição.

Conclusão

Em 14 de outubro de 2010, *The Daily Mississippian* anunciou que os estudantes e ex-alunos da Universidade do Mississippi haviam escolhido um novo mascote. O elegantemente vestido Urso Preto Rebelde substituirá o Coronel Reb como a incorporação do apelido da

⁷⁹ George Diepenbrock. “Quantrill-themed T-shirt Stirs Bitter Emotion”. KUsports.com, 14 November 2007. Disponível em: <http://www2.kusports.com/news/2007/nov/14/quantrillthemed_tshirt>. Acesso em 4 set. 2009.

⁸⁰ Sarah Neff. “Raid Rivalry Shirt Made for Personal Use”. *UD*, 20 November 2007.

⁸¹ Sarah Neff. “Raid Rivalry Shirt Made for Personal Use”. *UD*, 20 November 2007.

⁸² Bryan Wheeler. “Kansas, Missouri Rivalry Heats Up”. *UDK*, 20 November 2007.

escola.⁸³ Alguns dias após a escolha do urso, uma carta ao editor apareceu no jornal estudantil, ligando o mascote à história do Mississippi. De acordo com o autor, Teddy Roosevelt inventou o urso de pelúcia após visitar o estado numa viagem de caça. Mas a carta também assevera que, durante a campanha de Vicksburg, um grupo de estudantes da universidade teve a ajuda de três ursos pretos para interromper a escavação de canais comandada por Grant. Posteriormente, “a unidade tornou-se conhecida como os Ursos de Mississippi ou Ursos Rebeldes e ficou conhecida por sua natureza durona e feroz e por sua recusa a desistir mesmo quando colocada frente a desvantagens avassaladoras”.⁸⁴ O conto é completamente inventado, mas ainda assim é bastante significativo (BALLARD, 2004, p. 231-2). Tal como estudantes e torcedores de Kansas e Missouri, os do Mississippi estão tentando conectar de maneira apropriada seu Rebelde à Guerra Civil. Como o Tigre e o Jayhawk, o Urso Preto é mais maleável porque é um animal que pode ser associado à história do Mississippi de forma mais ampla, por meio de ligações com Roosevelt, com a vida selvagem do estado, e até com William Faulkner. Além do mais, por meio da nova narrativa sobre as origens do Urso Preto Rebelde, os estudantes de Mississippi tentaram enaltecer o destemor com que eles acreditam que os estudantes lutaram durante a Guerra Civil. O “Rebelde” que escolheram continua sendo confederado, mas não é um dono de fazenda envolvido numa sociedade escravista.

Em 2006, após o banimento do Coronel Reb, o diretor atlético Pete Boone supostamente desejava que os estudantes escolhessem um mascote que fosse “um pouco mais ameaçador”.⁸⁵ E com seu novo Urso Preto, a universidade reconstruiu seu legado como uma amigável e formidável – mas não racista – potência do campo de futebol americano. Também neste aspecto, o Urso Preto lembra o Jayhawk e o Tigre, que escondem os legados de soldados de guerrilha sob suas fantasias peludas de animais. Diferentemente do Coronel Reb, o Urso, o Tigre e o Jayhawk são mais fáceis de controlar pelos dirigentes universitários. Até certo ponto, o Urso Preto atrai seus fãs para a violência da guerra com suas ligações fictícias com os soldados da Confederação. Como os Jayhawks, os Tigres e seu Duelo da Fronteira, o Urso Preto rebelde demonstra que a violência da Guerra Civil Americana pode ser usada com sucesso para recriar um passado adequado ao entretenimento.

Referências

BALLARD, Michael B. *Vicksburg: The Campaign That Opened the Mississippi*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004.

BLIGHT, David W. *Race and Reunion: The Civil War in American*

⁸³ “Ole Miss Selects the Rebel Black Bear as Mascot”. *DM*, 14 October 2010.

⁸⁴ Letter to the Editor. “The Black Bear”. *DM*, 19 October 2010.

⁸⁵ Russell Cook. “Colonel Reb Must Return”. *DM*, 1 March 2006.

History. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 2001.

BORUKI, Wes. 'You're Dixie's Football Pride': American College Football and the Resurgence of Southern Identity. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, v. 10, p. 477-494, 2003.

CLARK, Kathleen Ann. *Defining Moments: African American Commemoration & Political Culture in the South, 1863-1913*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2005.

COHODAS, Nadine. *The Band Played Dixie: Race and the Liberal Conscience at Ole Miss*. New York: The Free Press, 1997.

COSKI, John M. *The Confederate Battle Flag: America's Most Embattled Emblem*. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 2000.

CULLEN, Jim. *The Civil War in Popular Culture: A Reusable Past*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1995.

DAVIS, William C. *The Cause Lost: Myths and Realities of the Confederacy*. Lawrence: University Press of Kansas, 1996.

DOYLE, William. *An American Insurrection: The Battle of Oxford, Mississippi, 1962*. New York: Doubleday, 2001.

EAGLES, Charles W. *The Price of Defiance: James Meredith and the Integration of Ole Miss*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009.

ETCHESON, Nicole. *Bleeding Kansas: Contested Liberty in the Civil War Era*. Lawrence: University Press of Kansas, 2004.

FAHS, Alice; WAUGH, Joan (eds.). *The Memory of the Civil War in American Culture*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004.

FARNELL, Brenda. Zero-Sum Game: An Update on the Native American Mascot Controversy at the University of Illinois. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 28, p. 212-215, 2004.

FELLMAN, Michael. *Inside War: The Guerrilla Conflict in Missouri during the American Civil War*. Oxford: Oxford University Press, 1988.

GALLAGHER, Gary. *Causes Won, Lost, & Forgotten: How Hollywood and Popular Art Shape What We Know about the Civil War*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2008.

GALLICCHIO, Marc (ed.). *The Unpredictability of the Past: Memories of the Asia-Pacific War in U.S.-East Asian Relations*. Durham, N.C.: Duke University Press, 2007.

GOFF, Jacques Le. *History and Memory*. New York: Columbia University Press, 1992.

GOODRICH, Thomas. *Black Flag*. Bloomington: Indiana University Press, 1995.

GOODRICH, Thomas. *War to the Knife*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1988.

HALBWACHS, Maurice. *On Collective Memory*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

HEMMER JR., Joseph J. Exploitation of American Indian Symbols: A First Amendment Analysis. *American Indian Quarterly*, v. 32, p. 121-140, 2008.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (eds.). *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HOFMANN, Sudie. The Elimination of Indigenous Mascots, Logos, and Nicknames: Organizing on College Campuses. *American Indian Quarterly*, v, 29, p. 156-177, 2005.

KAMMEN, Michael. *Mystic Chords of Memory: The Transformation of Tradition in American Culture*. New York: Alfred A. Knopf, 1991.

KERR, John H. *Rethinking Aggression and Violence in Sport*. New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2005.

KING, C. Richard; SPRINGWOOD, Charles Fruehling (eds.). *Team Spirits: The Native American Mascots Controversy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2001.

LACAPRA, Dominick. *History of Memory after Auschwitz*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1998.

LAMBERT, Frank. *The Battle of Ole Miss: Civil Rights v. States' Rights*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LEPORE, Jill. *The Name of War: King Philip's War and the Origins of American Identity*. New York: Alfred A. Knopf, 1998.

LEWIS, Jerry M. *Sport Fan Violence in North America*. Lanham, Md.: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2007.

MCNIGHT, Brian D. *Contested Borderland: The Civil War in Appalachian Kentucky and Virginia*. Lexington: University Press of Kentucky, 2006.

MECHEM, Kirke. *The Mythical Jayhawker*. Topeka: Kansas State Printing Plant, 1944.

MONAGHAN, Jay. *Civil War on the Western Border, 1854-1865*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1984.

NEELY, Jeremy. *The Border between Them: Violence and Reconciliation on the Kansas-Missouri Line*. Columbia: University of Missouri Press, 2007.

NEHLS, Christopher C. Flag-Waving Wahoos: Confederate Symbols at the University of Virginia, 1941-51. *Virginia Magazine of History and Biography*, n. 110, p. 461-488, 2002.

NEWMAN, Joshua I. Army of Whiteness? Colonel Reb and the Sporting South's Cultural and Corporate Symbolic. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 31, p. 325-339, 2007.

NICHOLS, Alice. *Bleeding Kansas*. New York: Oxford University Press, 1954.

NICHOLS, Bruce. *Guerrilla Warfare in Civil War Missouri, 1862*. Jefferson, N.C.: McFarland & Co., Inc., 2004.

SANSING, David G. *The University of Mississippi: A Sesquicentennial History*. Jackson: University Press of Mississippi, 1999.

SPINDEL, Carol. *Dancing at Halftime: Sports and the Controversy over American Indian Mascots*. New York: New York University Press, 2000.

STARR, Stephen Z. *Jennison's Jayhawkers: A Civil War Cavalry Regiment and Its Commander*. Baton Rouge: Louisiana State University, 1993.

STRONG, Pauline Turner. The Mascot Slot: Cultural Citizenship, Political Correctness, and Pseudo-Indian Sports Symbols. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 28, p. 79-87, 2004.

SUTHERLAND, Daniel E. Sutherland. *A Savage Conflict: The Decisive Role of Guerrillas in the American Civil War*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009.

YEAGER, Robert C. *Seasons of Shame: The New Violence in Sports*. San

Francisco: McGraw-Hill Book Company, 1979.

Recebido em 21 de fevereiro de 2016
Aceito em 26 de maio de 2016